

O DESAPARECIMENTO  
DE JOSEF MENGELE

*romance*



OLIVIER GUEZ

O DESAPARECIMENTO  
DE JOSEF MENGELE

*romance*

TRADUÇÃO DE ANDRÉ TELLES



Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2017

TÍTULO ORIGINAL

La disparition de Josef Mengele

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO

Carolina Araújo | Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA

Estúdio Insólito

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

G958d

Guez, Olivier, 1974-

O desaparecimento de Josef Mengele / Olivier Guez ; tradução André Telles. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
224 p. ; 21 cm.

Tradução de: La disparition de Josef Mengele

ISBN 978-85-510-0470-8

1. Mengele, Josef, 1911-1979. 2. Romance francês. 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Atrocidades - Romance. 4. Auschwitz (Campo de concentração) - Romance. I. Telles, André. II. Título.

19-57508

CDD: 843

CDU: 82-31(44)

---

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Em memória de Ada e Giuditta Spizzichino,  
Grazia Di Segni e Rossanna Calò*



“Você que tanto mal fez a um homem simples  
Morrendo de rir ao ver seu sofrimento  
Não pense que está a salvo  
Pois o poeta se lembra.”

CZESŁAW MIŁOSZ



PRIMEIRA PARTE

*O paxá*

“A felicidade só pode estar no que agita,  
e só o crime agita; a virtude... jamais leva  
à felicidade.”

SADE



## 1.

O *North King* rasga a água barrenta do rio. Encarapitados no convés, seus passageiros escrutam o horizonte desde o raiar do dia e, agora que os guindastes dos estaleiros e a linha vermelha dos armazéns do porto perfuram a bruma, alemães entoam uma canção militar, italianos se persignam, judeus rezam e, a despeito da chuva fina, casais se beijam, o transatlântico chega a Buenos Aires após três semanas de travessia. Na amurada, Helmut Gregor rumina.

Esperava que uma lancha da polícia secreta viesse pegá-lo, evitando-lhe as chateações da alfândega. Em Gênova, onde embarcou, Gregor pediu a Kurt que lhe fizesse esse favor; apresentou-se como cientista, um geneticista de alto gabarito, e lhe ofereceu dinheiro (Gregor tem muito dinheiro), mas o “coiote” se esquivou, sorrindo: esse tipo de credencial é reservado aos peixes graúdos, aos figurões do antigo regime, raramente a um capitão da SS. Em todo caso, escreverá um telegrama para Buenos Aires, Gregor pode contar com ele.

Kurt embolsou os marcos, mas a lancha nunca apareceu. Gregor então espera no gigantesco saguão da alfândega argentina junto com os outros emigrantes. Segura com firmeza duas malas, uma grande e uma pequena, e observa a Europa exilada em volta, as longas filas de anônimos elegantes ou maltrapilhos, dos quais manteve distância durante a travessia. Gregor preferiu contemplar o oceano e as estrelas ou ler poesia alemã em sua cabine; passou em revista os últimos quatro anos de sua vida, desde que abandonou às pressas a Polônia em janeiro de 1945 e se dissolveu na Wehrmacht para escapar das garras do Exército Vermelho: sua internação de algumas semanas num campo de prisioneiros americano, sua libertação por possuir documentos falsos em nome de Fritz Ullmann, seu esconderijo numa fazenda florida da Baviera, não longe de Günzburg, sua cidade natal, onde ceifou feno e selecionou batatas durante três anos sob o nome de Fritz Hollmann, depois sua fuga na Páscoa dois meses antes, a travessia das Dolomitas por trilhas de contrabandistas na floresta, a chegada à Itália, primeiro ao Tirol do Sul, onde passou a ser Helmut Gregor, e por fim a Gênova, onde Kurt, o “coiote”, acelerou seu processo junto às autoridades italianas e à imigração argentina.

## 2.

Na alfândega, o fugitivo estende um documento de viagem da Cruz Vermelha internacional, uma autorização

de desembarque e um visto de entrada: Helmut Gregor, 1,74m, olhos castanhos-esverdeados, nascido em 6 de agosto de 1911 em Termeno, ou Tramin, em alemão, comuna do Tirol do Sul, cidadão alemão com nacionalidade italiana, católico, mecânico. Endereço em Buenos Aires: rua Arenales, 2.460, bairro Florida, a/c Gerard Malbranc.

O funcionário da alfândega revista suas bagagens, as roupas meticulosamente dobradas, o retrato de uma mulher loura e delicada, livros e alguns discos de ópera, depois franze o rosto ao descobrir o conteúdo da mala pequena: seringas hipodérmicas, amostras de sangue, plaquetas de células: estranho para um mecânico. Ele chama o médico do porto.

Gregor estremece. Correu riscos inauditos para conservar a maleta comprometedora, fruto precioso de anos e anos de pesquisas, sua vida inteira, a qual ele embarcou ao deixar precipitadamente seu posto polonês. Se os soviéticos o detivessem na posse da valise, o executariam sumariamente. A caminho do Ocidente, na primavera de 1945 da grande *débâcle* alemã, deixou-a com uma enfermeira compassiva que reencontrou na parte oriental da Alemanha, em zona soviética, uma incursão alucinada após sua libertação do campo americano e três semanas de viagem. Passou-a em seguida a Hans Sedlmeier, seu amigo de infância e homem de confiança de seu pai industrial, com quem se encontrou regularmente nos bosques ao redor da fazenda onde se escondeu durante três anos. Gregor não teria deixado a Europa sem sua maleta: Sedlmeier devolveu-a antes de sua partida para a Itália, acompanhada de um grande envelope com dinheiro em espécie, e eis que um idiota de unhas su-

jas está em vias de estragar tudo, pensou Gregor, enquanto o médico do porto inspeciona as amostras e as anotações em caracteres góticos cerrados. Não compreendendo nada, interroga-o em espanhol e alemão; o mecânico lhe explica sua vocação de biólogo amador. Os dois homens se medem com o olhar, e o médico, preocupado com o almoço, faz sinal ao funcionário para deixá-lo passar.

Naquele 22 de junho de 1949, Helmut Gregor alcançou o santuário argentino.

### 3.

Em Gênova, Kurt prometeu-lhe que um médico alemão o esperaria no porto e o levaria à casa de Malbranc, mas era outra lorota do coiote.

Gregor anda de um lado para o outro sob a chuva, seu contato talvez esteja preso no engarrafamento. Observa o cais, o balé dos estivadores, as famílias reunidas que vão embora sorrindo, as pilhas de couro e fardos de lã nas áreas de carregamento dos cargueiros. Nenhum médico alemão no horizonte. Gregor consulta seu relógio, o som da sirene de um navio frigorífico ecoa pela plataforma, Gregor, ansioso, hesita em dirigir-se à casa de Malbranc, porém decide esperar, é mais prudente. É, portanto, um dos últimos passageiros do *North King* a permanecer no cais.

Dois calabreses carregados de malas lhe propõem dividirem um táxi. Gregor surpreende a si mesmo ao acompa-

nhar os pobretões. Nesse primeiro dia em terra sul-americana não lhe apetece ficar sozinho, aliás, não tem para onde ir.

#### 4.

No hotel Palermo, divide um quarto sem pia nem vaso com seus companheiros, que zombam dele: Gregor, o tirolês do sul, não fala uma palavra de italiano. Amaldiçoa sua escolha, mas se segura, aceita algumas rodelas de salame com alho e adormece, esgotado, com sua maleta atochada entre ele e a parede, ao abrigo da cobiça dos dois homens.

Na manhã seguinte, está pronto para a labuta. Na casa de Malbranc, ninguém responde a seus telefonemas: ele pula dentro de um táxi, deixa a maleta no armário da estação ferroviária antes de alcançar uma rua tranquila do bairro Florida. Gregor toca a campainha de uma espaçosa mansão estilo neocolonial. Volta uma hora mais tarde, toca novamente, depois, de um café onde se refugiou, telefona três vezes em vão.

Antes de deixar Gênova, Kurt lhe passou um segundo contato em Buenos Aires: Friedrich Schlottmann, um homem de negócios alemão, dono de uma próspera empresa de têxteis. Em 1947, Schlottmann financiou a fuga de aviadores e engenheiros da força aérea alemã, via Escandinávia. “O homem é poderoso, pode ajudá-lo a arranjar um emprego e novos amigos”, disse-lhe Kurt.

Ao chegar à sede da Sedalana, Gregor pede para ver Schlottmann, mas ele está de folga até a outra semana. Como ele insiste, uma secretária leva-o até o diretor de recursos humanos, um germano-argentino vestindo um paletó de abotoamento duplo, cujo aspecto desagradou-lhe imediatamente. Gregor candidata-se a um posto de *manager*, mas, em vez disso, o rapaz com gel no cabelo lhe sugere um emprego de operário “bastante honroso”: escovar a lã que chega diariamente da Patagônia, essa é a função de praxe para os camaradas que desembarcam. Gregor não acredita, quase pula na garganta do pé de chinelo. Ele, filho de boa família, titular de dois doutorados em antropologia e medicina, limpar e esfregar tosões de carneiros com índios e metecos em meio aos eflúvios de produtos tóxicos, dez horas por dia, num subúrbio de Buenos Aires? Gregor bate a porta na cara do funcionário e jura arrancar a pele de Kurt quando retornar à Europa.

## 5.

Sorvendo uma laranja, Gregor elabora uma linha de ação. Arranjar um emprego, aprender cem palavras de espanhol por dia, fazer contato com Malbranc, um ex-agente da rede Bolívar da Abwehr, o serviço de contraespionagem nazista; encarar seu infortúnio com paciência, ficando com os dois calabreses, embora pudesse se hospedar num hotel confortável. Não compreendeu nada do dialeto dos meri-

dionais, exceto que são veteranos fascistas da conquista da Abissínia. Soldados não o trairão, então é preferível manter-se discreto e economizar suas preciosas divisas, o futuro é incerto, Gregor nunca foi temerário.

Avellaneda, La Boca, Monserrat, Congreso... com um mapa aberto, familiariza-se com a topografia de Buenos Aires e sente-se minúsculo diante do tabuleiro, uma pulga insignificante, ele, que aterrorizava um reino inteiro não fazia tanto tempo assim. Gregor pensa em outro tabuleiro, galpões, câmaras de gás, crematórios, linhas férreas, onde passou seus mais belos anos de engenheiro da raça, uma cidade interdita em meio ao odor acre de carnes e cabelos queimados, cercada por guaritas e fios de arame farpado. De motocicleta, de bicicleta e de carro, ele circulava por entre as sombras sem rosto, infatigável dândi canibal, botas, luvas, uniforme reluzentes, quepe ligeiramente inclinado. Cruzar seu olhar e dirigir-lhe a palavra era proibido; até mesmo seus colegas da Ordem Negra o temiam. Na rampa onde era feita a triagem dos judeus da Europa, eles ficavam bêbados, mas ele continuava sóbrio e assobiava alguns compassos da *Tosca*, sorrindo. Nunca entregar-se a um sentimento humano. A piedade é uma fraqueza: com um movimento da batuta, o todo-poderoso selava a sorte de suas vítimas, à esquerda a morte imediata, as câmaras de gás, à direita a morte lenta, os trabalhos forçados ou seu laboratório, o maior do mundo, que ele alimentava com “material humano adequado” (anões, gigantes, deformados, gêmeos) diariamente, conforme chegavam os comboios. Injetar, medir, sangrar; cortar, assassinar, autopsiar: à sua disposição, um zoológico de crian-

ças cobaias para que ele desvendasse os segredos da gêmeidade, produzisse super-homens ou tornasse as alemãs mais fecundas, a fim de um dia povoar com camponeses soldados os territórios do Leste arrancados dos eslavos e defender a raça nórdica. Guardiã da pureza da raça e alquimista do homem novo: uma formidável carreira acadêmica e o reconhecimento do Reich vitorioso o aguardavam após a guerra.

Sangue para o solo, sua louca ambição, o grande desígnio de Heinrich Himmler, seu chefe supremo.

Auschwitz, maio de 1943 – janeiro de 1945.

Gregor é o anjo da morte, o doutor Josef Mengele.

## 6.

Neblina, temporais, o inverno austral subjuga Buenos Aires, e Gregor repousa na cama em depressão, pegou um resfriado. Observa a trajetória de uma barata surgida de um duto de ventilação e se arrepia sob os cobertores. Desde o outono de 1944, nunca esteve tão mal. Os soviéticos tomavam conta da Europa central: ele sabia que a guerra estava perdida e não dormia mais, com os nervos em frangalhos. Sua mulher Irene o reerguera. Ao chegar a Auschwitz durante o verão, ela lhe mostrara os primeiros retratos de seu filho Rolf, nascido alguns meses antes, e passaram semanas idílicas. A despeito da magnitude de sua tarefa, a chegada de 440 mil judeus húngaros, desfrutaram de uma segunda lua de mel. As câmaras de gás funcionavam a todo vapor;

Irene e Josef banhavam-se no Sola. A SS queimava homens, mulheres e crianças vivos nos fossos; Irene e Josef colhiam mirtilos para fazer geleia. As chamas irrompiam dos crematórios; Irene chupava Josef e Josef possuía Irene. Mais de 320 mil judeus húngaros foram exterminados em menos de oito semanas.

Quando Josef ameaçara sucumbir no início do outono, Irene permanecera ao seu lado. Haviam se mudado para uma nova cabana, equipada com banheira e cozinha, com testemunhas de Jeová a seu serviço.

Gregor contempla o retrato de Irene na mesa de cabeceira, uma foto de 1936, ano em que se conheceram em Leipzig. Ele trabalhava no hospital universitário, Irene estava de passagem, estudava história da arte em Florença. Paixão à primeira vista; a jovem tinha dezenove anos, era loura e magra, lembrava uma Vênus de Cranach, seu ideal feminino.

Gregor tosse e recorda-se de Irene num vestido de verão, agarrada a seu braço no jardim inglês de Munique, de Irene em êxtase no cupê Opel, trepidando nas autoestradas do Reich no dia de seu casamento, às vésperas da guerra. E Gregor espuma de raiva ao contemplar pela milésima vez os lábios finos de sua esposa na foto. Ela se recusou a acompanhá-lo à Argentina com seu filhinho, recusou-se a levar uma vida clandestina do outro lado do oceano. Mengele figura na lista americana de criminosos de guerra e seu nome foi citado em diversos processos.

Na verdade, ela se livrou dele. Ao longo dos anos, nos bosques e albergues em torno de seu esconderijo bávaro, ele a sentia cada vez mais distante. Sedlmeier, seu pai e seus dois

irmãos, Karl e Alois, disseram-lhe que Irene, trajando luto, consolava-se com outros homens. “Para acobertá-lo”, ela disse à polícia americana que ele morrera em combate. “Cade-la”, geme Gregor em sua mansarda do Palermo: seus colegas, quando retornaram do *front*, foram recebidos como heróis por suas mulheres; a dele, depois de se apaixonar por um sapateiro de Freiburg, dispensou-o no umbral de lugar nenhum.

## 7.

No banheiro, no corredor do andar, com uma toalha amarrada na cintura, Gregor admira sua barriga lisa e seu torso imberbe, a maciez de sua epiderme. Sempre cuidou da pele. Seus irmãos e Irene zombavam de sua vaidade de jovem deslumbrado, das horas dedicadas a se hidratar e se mirar no espelho, mas ele abençoa a vaidade que lhe salvou a vida. Ao ingressar na SS, em 1938, recusou-se a tatuar seu número de matrícula sob a axila ou no peito, como exigia o regulamento: quando os americanos o detiveram depois da guerra, tomaram-no por um simples soldado e o libertaram semanas mais tarde.

Gregor aproxima-se do espelho e examina o arco de suas sobrancelhas, sua testa ligeiramente proeminente, seu nariz, sua boca cruel, de frente e de perfil, e revolve os olhos, sedutores, depois severos e inquietantes. Por muito tempo, o engenheiro da raça ariana perguntou-se qual era a origem de seu misterioso sobrenome. Mengele soa como uma espécie

de bolo de Natal ou um aracnídeo peludo. E por que sua tez e seus cabelos eram tão amorenados? Em Günzburg, seus colegas de classe o apelidaram de Beppo, o cigano, e, quando se dissimula em Buenos Aires por trás de um bigode tenebroso, lembra um *hidalgo*, um italiano: um argentino. Gregor sorri, aspergindo-se água-de-colônia, e expõe um espaço entre seus incisivos superiores. Apesar da derrota e da clandestinidade, e Malbranc sempre ausente, ele venceu a febre e está louco por uma mulher. Para um homem de 38 anos que a vida e a guerra não pouparam, pensa, continua atraente. Gregor penteia o cabelo para trás como William Powell em *O caso de Hilda Lake*, enfia uma roupa e sai, o céu está claro, a brisa do rio da Prata, revigorante.

Aproveita esses dias para conhecer Buenos Aires. A colossal avenida 9 de Julho e seu obelisco; Corrientes, seus cabarés e livrarias; o arranha-céu Barolo e os cafés *art-nouveau* da avenida de Maio; os gramados sujos do parque de Palermo; as artérias ruidosas do centro, as lojas de doces e butiques luxuosas da Calle Florida. Na véspera, assistiu à troca de guarda em passo de ganso dos granadeiros em frente à Casa Rosada, o palácio presidencial, o fervor dos curiosos à volta, seu respeito à coisa militar. O exército, instituição estabilizadora, na Argentina assim como em toda parte. Só os alemães empenham-se em destruir suas tradições com sua culpa coletiva, resmungou no metrô que o levava de volta ao cubículo de Palermo.

Por todos os lados, mulheres bonitas, flores, cães vadios, plátanos e seringueiras, eflúvios de charutos e carnes grelhadas, butiques mais concorridas do que na Europa. Fotos de

Alfredo Di Stéfano usando a camisa branca com faixa vermelha do River Plate e retratos de Carlos Gardel e Agustín Magaldi enfeitam as bancas de jornal, ao lado de gravuras da Virgem e capas de *Sintonía*, a revista dos astros e estrelas.

Gregor, num bonde, imerge na massa dos pedestres e automóveis, a metrópole aberta desde a sua fundação a desertores e charlatães. Não fala com ninguém. Quando percebe judeus de barba ruiva, os filhos dos *Rusos* que fugiram dos pogroms czaristas do início do século, muda de calçada. Em seu mapa, marcou em vermelho o bairro de Villa Crespo e a praça Once, onde os judeus instalaram suas alfaiatarias, teme cruzar com um espectro de Auschwitz capaz de desmascará-lo.

Gregor não se sente completamente deslocado. A Argentina, em pleno *boom*, é o país mais desenvolvido da América Latina. Com o fim da guerra, a Europa devastada compra seus produtos alimentícios. Buenos Aires está repleta de cinemas e teatros; os telhados são cinzentos, os colegiais usam uniformes austeros. E, como na Alemanha no tempo do Reich, dedica-se um culto ao líder da nação, uma dupla, um urso num uniforme de opereta e um pardal carregado de joias. O redentor e a oprimida: Juan e Evita Perón exibem-se triunfalmente em todos os muros da capital.